CHAPEUZINHO VERMELHO SOB OUTRO ÂNGULO

PATRÍCIA DA SILVA OLIVEIRA

RESUMO

O presente artigo visa analisar a rica tapeçaria simbólica e cultural do conto de fadas "Chapeuzinho Vermelho", focando em suas diversas adaptações e interpretações ao longo do tempo. Utilizando-se de teorias semióticas e intersemióticas, o estudo explora como a narrativa transitou entre diferentes formas de arte e mídia, evidenciando perdas e ganhos nesse processo. Particular atenção é dada às versões dos irmãos Grimm, que adicionaram camadas de complexidade ao conto, tornando-o não apenas uma história infantil, mas uma reflexão mais profunda sobre a psique humana, a sexualidade, a autonomia e o empoderamento. O artigo também investiga a transição do conto para o cinema e outras Mídias, discutindo como essas adaptações podem tanto enriquecer quanto limitar o entendimento e a apreciação da obra original. A análise conclui que "Chapeuzinho Vermelho" serve como um palimpsesto cultural, adaptando-se e

Refletindo os valores e preocupações de diversas épocas, permanecendo relevante e instigante para novas gerações.

Palavras-chave: Análise Semiótica. Conto de Fadas. Chapeuzinho Vermelho.

INTRODUÇÃO

Na constante busca por entender os mecanismos pelos quais a cultura e a sociedade interagem e influenciam o indivíduo, os contos de fadas representam um riquíssimo objeto de estudo. Tais histórias, muitas vezes relegadas ao universo infantil, são verdadeiras cápsulas do tempo, contendo elementos simbólicos e arquetípicos que dialogam com as mais diversas épocas e contextos. Já no século XIX, na Alemanha, como “oficiais” dos contos de fadas, vieram os irmãos Grimm. Sendo mais famosos, os Grimm realizam mais adaptações dos contos anteriormente escritos por Perrault, porém desta vez com uma grande diferença que “reluz” até hoje: o encantamento dos contos. Eles tornam os contos mais interessantes, suaves, encantados, cheios de esperança, fé, otimismo e finais felizes. As releituras deles são as mais conhecidas e adotadas até hoje. Um dos contos mais icônicos é o da Chapeuzinho Vermelho, que se tornou objeto de diversas transposições literárias e adaptações cinematográficas, cada uma com suas próprias camadas de significado.

Este trabalho tem por objetivo realizar uma análise semiótica minuciosa de dois momentos-chave no conto da Chapeuzinho Vermelho: “A Capa Vermelha”, "Pela Estrada Afora" e "Devorada pelo Lobo". Esses episódios serão estudados à luz de teóricos como Carl Gustav Jung, Anthony Giddens, Sigmund Freud, Julia Kristeva e Jack Zipes, que fornecerão o embasamento necessário para uma compreensão mais profunda dos elementos simbólicos presentes na narrativa.

Mais do que uma investigação sobre um conto específico, a análise proposta aqui visa contribuir para a compreensão mais ampla dos mecanismos que regem a transmissão cultural e a construção social do significado. A transposição de elementos literários para o cinema também será examinada, revelando os ganhos e as perdas inerentes ao processo de tradução intersemiótica, conforme explorado por autores como Plaza (2008) e Cardoso

(2011).

Através desta pesquisa, espera-se não apenas desvelar as várias camadas de significado que compõem os episódios selecionados, mas também ilustrar o poder duradouro dos contos de fadas como veículos de significado e representação cultural.

OS CONTOS DE FADA

O termo "fada", originado do latim, está associado a noções como "fatalidade" e "destino", o que indica que essas narrativas podem servir como espelhos da realidade ou das trajetórias individuais dos leitores (Cashdan, 2000). Longe de serem histórias suaves e infantis como comumente são vistas hoje, suas versões originais abordam temas densos como relações impróprias, canibalismo e morte.

Conforme Cashdan (2000) aponta, essas narrativas não foram concebidas originalmente como histórias infantis, mas como entretenimento para adultos, apresentadas em diversos contextos sociais, mas não em espaços voltados para crianças. Cashdan ainda desafia a percepção comum de que se tratam de lições morais, usando o exemplo do conto "Chapeuzinho Vermelho" para ilustrar a complexidade e a ausência de inocência dessas histórias. Em uma das versões mais antigas do conto, por exemplo, a protagonista realiza um ato provocante diante do lobo antes de compartilhar o leito com ele.

Nesta visão, os contos de fadas vão além do mero entretenimento para crianças. Segundo Cashdan (2000), eles funcionam como "dramas psicológicos da infância", possivelmente conectados com conflitos psíquicos internos que as crianças possam experienciar, combinando elementos da

imaginação com a realidade.

Estas narrativas aparentemente simples carregam em si complexas implicações psicológicas. Conforme explorado em "A Psicanálise dos Contos de Fadas" (Bettelheim, 2000), a psicologia e o comportamento infantil são profundamente afetados pelas histórias apresentadas às crianças durante sua formação. Bettelheim (2000) argumenta que os contos de fadas podem fornecer insights valiosos para a resolução de conflitos psicológicos, agindo como uma forma de mediação entre o consciente e o inconsciente.

Deste modo, a interpretação da criança acerca do conto é crucial, pois ela poderá estabelecer comparações entre os personagens da história e sua própria realidade familiar. A imaginação, como veículo de interpretação do conto, influencia o comportamento da criança, corroborando o que Cashdan (2000) discute. Segundo ele, os contos de fadas ajudam as crianças a lidar com conflitos internos ao fornecer um "palco psicológico" onde elas podem projetar aspectos de si mesmas nos personagens, utilizando-os como "recipientes psicológicos" para seus próprios dilemas e sentimentos contraditórios.

Esta complexidade inerente aos contos de fadas ilustra sua relevância ao escolher "Chapeuzinho Vermelho" como objeto de estudo, especialmente na versão cinematográfica "A Garota da Capa Vermelha". A análise deste conto, em sua manifestação na tela, é, portanto, significativa não apenas como uma história, mas também como uma ferramenta de introspecção e entendimento psicológico.

DIFERENTES VERSÕES PARA A MESMA HISTÓRIA

Infere-se equivocadamente que o capuz vermelho sempre fez parte da história de "Chapeuzinho Vermelho". Na realidade, suas origens estão nas narrativas orais camponesas, que tinham um intuito educativo, alertando para os perigos de confiar em desconhecidos. Essas versões iniciais eram mais cruentas, incluindo elementos como canibalismo e finais trágicos (ALMEIDA, 2006).

Foi Charles Perrault, no fim do século XVII, que redefiniu o conto, removendo os aspectos mais sombrios e adaptando-o para os gostos da nobreza francesa. Foi nesse momento que elementos como o capuz vermelho e os lenhadores foram acrescentados, ao passo que aspectos grotescos e sexualizados foram removidos. O conto de Perrault também introduziu uma moral e detalhou mais o contexto e as personagens, tornando-as mais individualizadas (Zipes, 1989).

De fato, a versão do conto "Chapeuzinho Vermelho" que predominou na cultura popular é a dos Irmãos Grimm, publicada no século XIX. Essa adaptação, notavelmente diferente das versões anteriores, enriquece ainda mais os personagens e cenários, detalhando suas características físicas e emocionais. Além disso, a versão Grimm introduz o dilema dos dois caminhos e modifica o final, inserindo o lenhador como figura heroica que salva a avó e Chapeuzinho Vermelho (Tatar, 2002).

Ao oferecer um desfecho feliz, essa versão apela para um público infantil, sendo amplamente difundida através de diversos meios, como livros, filmes e peças teatrais. E essa propagação não é limitada por fronteiras geográficas ou culturais, tornando a história reconhecível globalmente.

As inúmeras adaptações da história também nos revelam como cada recontagem traz consigo ajustes em elementos fundamentais, alterando seu significado e importância. Por exemplo, o simbolismo do capuz vermelho, a figura do lobo e o papel do caçador variam dependendo do contexto e do interpretador (Bettelheim, 1976).

A seguir, será abordada uma das adaptações contemporâneas do clássico conto de "Chapeuzinho Vermelho": "A Garota da Capa Vermelha". Esta versão atualiza o conto para um cenário mais moderno, mas mantém muitos dos elementos simbólicos e arquetípicos que tornam a história original tão atemporal (Zipes, 2012).

O conto "A Garota da Capa Vermelha" pode ser abordado de diferentes ângulos analíticos, incluindo o estruturalismo, o feminismo e a semiótica. O foco será na maneira como essa adaptação moderna modifica ou mantém elementos-chave da história, como o simbolismo do capuz vermelho, a representação do lobo e o papel dos personagens secundários. Além disso, avaliaremos como a atualização para um contexto contemporâneo afeta a moral e os temas subjacentes do conto (Propp, 1968).

Dessa forma, essa análise nos permitirá não apenas compreender as nuances desta adaptação em particular, mas também oferecerá um vislumbre sobre como os contos de fadas clássicos continuam a evoluir e a se adaptar às mudanças sociais e culturais, mantendo sua relevância ao longo do tempo (Lieberman, 1972).

A GAROTA DA CAPA VERMELHA

O filme "Red Riding Hood", lançado em 2011, traz uma nova dimensão à narrativa tradicional da "Chapeuzinho Vermelho" ao incorporar elementos contemporâneos e nuances mais complexas nos personagens e na trama. Dentre esses elementos, destaca-se o uso do conceito de lobisomem, que não apenas serve como uma metáfora para

a bestialidade interior que pode habitar qualquer ser humano, mas também reflete tendências culturais do período em que o filme foi lançado, particularmente o interesse em personagens híbridos e sobrenaturais (Kristeva, 1982).

Ao nível da semiótica, o filme traz elementos simbólicos que remontam ao conto original, mas também incorpora novos significados. A figura do lobisomem, por exemplo, pode ser vista como uma releitura contemporânea da figura do lobo do conto original, servindo tanto como um símbolo de medo e perigo, quanto como um reflexo da duplicidade da natureza humana. O lobisomem é apresentado como uma criatura híbrida, uma mistura de lobo, cachorro e urso, adicionando camadas de complexidade ao personagem e ampliando os significados possíveis (Barthes, 1967).

O filme também aborda questões de amor e relacionamentos de uma forma que diverge da simplicidade do conto original. Ao introduzir um triângulo amoroso entre Valerie, Peter e Henry, o filme adiciona uma dimensão de complexidade aos personagens e suas motivações, afastando-se do arquétipo da mulher como vítima ou objeto de desejo, que é frequentemente presente em contos de fadas tradicionais (Lieberman, 1972).

Apesar das críticas sobre sua estética e abordagem ao tema do amor

Jovem, o filme proporciona um rico material para análise semiótica. Ele oferece uma reinterpretação moderna que não só atualiza a narrativa, mas também a torna mais complexa e relatable, desafiando estereótipos de gênero e introduzindo novos elementos simbólicos que enriquecem a história.

SEMIÓTICA, INTERPRETAÇÃO E RECONTEXTUALIZAÇÃO DO CAPUZ VERMELHO

Para lançar as bases semióticas da nossa análise, é crucial abordar a importância multifacetada da imagem na era moderna. Ao contrário de uma visão restritiva e unidimensional da imagem, é amplamente reconhecido que ela pode ter diversas representações e significados. Nesse contexto, a imagem pode variar desde uma simples ilustração infantil até uma sofisticada pintura de um artista renomado. Ela pode ser tanto um produto de processos mentais quanto uma manifestação física, tangível ou intangível. No âmbito deste estudo, focaremos na imagem como frequentemente percebida pelo público geral: a imagem midiática. Essa forma de imagem é a que mais frequentemente molda a percepção pública, sendo descrita como "omnipresente, invasiva e simultaneamente sujeita a críticas, mas ainda assim parte integrante da vida diária" (JOLY, 1996, p. 14). Neste contexto, nosso objeto de análise é um vídeo cinematográfico.

Em relação ao conto "Chapeuzinho Vermelho", consideramos sua narrativa como um compêndio de imagens simbólicas, refletindo as compreensões e crenças sociais da época em que foi criado. As personagens, por exemplo, podem ser vistas como simbolizações das jovens mulheres em transição para a vida adulta e dos homens que tentam seduzi-las. De forma paralela, o filme "A Garota da Capa Vermelha" serve como um conjunto distinto, mas relacionado, de imagens. Este filme não apenas aciona as representações mentais que temos do conto original, mas também as reconfigura, inserindo elementos contemporâneos como lobisomens e concepções modernas de amor romântico.

Ao longo dos séculos (quando não de milênios) durante os quais os contos

de fadas, ao serem recontados, foram se tornando cada vez mais refinados, eles passaram a transmitir ao mesmo tempo significados manifestos e latentes – passaram a falar simultaneamente a todos os níveis da personalidade humana, comunicando de uma maneira que

Atinge a mente ineducada da criança tanto quanto a do adulto sofisticado. ” (BETTELHEIM, 2000, p. 12)

Partindo do conceito de análise proposto por Joly como "a busca ou a verificação das causas do bom ou do mau funcionamento de uma mensagem visual" (JOLY, 1996, p. 48), torna-se imperativo entender as imagens não apenas como representações visuais, mas como linguagem carregada de signos e significados. Joly também afirma que "a imagem sempre constitui uma mensagem para o outro, mesmo quando esse outro somos nós mesmos" (JOLY, 1996, p. 55). Nesse sentido, as imagens funcionam como uma forma de comunicação que pode ser decodificada e interpretada.

A questão central, portanto, é avaliar se as imagens em questão - seja na narrativa de "Chapeuzinho Vermelho" ou no filme "A Garota da Capa Vermelha" cumprem efetivamente seu papel comunicativo. Elas são eficazes em transmitir a mensagem pretendida ao seu público-alvo? E mais importante, são essas mensagens adequadamente compreendidas por aqueles a quem se destinam?

Como sucede com toda grande arte, o significado mais profundo do conto de fadas será diferente para cada pessoa, e diferente para a mesma em vários momentos de sua vida. A criança extrairá significados diferentes do mesmo conto de fadas, dependendo de seus interesses e necessidades do momento. ” (BETTELHEIM, 2000, p. 20).

Assim, é possível afirmar que os contos de fadas na literatura cumprem seu ob-

jetivo de atravessar gerações e conectar-se com seu público. Como Bettelheim (2000) sugere, esses contos não apenas entretêm as crianças, mas também contribuem para o desenvolvimento de suas personalidades. No entanto, quando observamos o filme em questão, "A Garota da Capa Vermelha", notamos que ele não teve um impacto significativo em termos de recepção crítica ou sucesso de bilheteria. Uma das razões apontadas para esse resultado pode ser a falta de clareza sobre o público-alvo do filme. Enquanto os contos de fadas geralmente são voltados para o público infantil, esse filme parece estar em um limbo, levantando questões sobre se é destinado a uma audiência infanto-juvenil, adulta ou alguma outra.

Nesse contexto, é relevante considerar a "tradução intersemiótica" dos símbolos do conto original (Plaza, 2008). As diferentes formas pelas quais a história tem sido contada ao longo do tempo - desde versões orais até adaptações literárias e cinematográficas - representam diferentes linguagens pelas quais os signos e símbolos da narrativa são transmitidos e transformados. Cada versão, incluindo o filme que estamos analisando, pode ser vista como uma espécie de colagem, adicionando ou removendo elementos de acordo com a visão do criador. No caso de "A Garota da Capa Vermelha", elementos como o mito do lobisomem e personagens adicionais foram incorporados, enquanto outros aspectos, como a forma como o lobo se disfarça e suas características mais humanas, foram alterados ou removidos. Essas escolhas podem ter contribuído para a incerteza sobre o público-alvo e, consequentemente, para o desempenho modesto do filme.

É fundamental considerar o conceito de transposição literária no contexto das adaptações fílmicas (Cardoso, 2011). Essa transposição envolve a transferência da narrativa, signos e conteúdo de uma mídia para outra, no caso, da literatura para o cinema. Certamente, há ganhos e perdas nesse processo de transição. Por exemplo, a experiência cinematográfica pode enriquecer a narrativa através da utilização de elementos sonoros, visuais e até mesmo táteis em alguns casos. No entanto, essa experiência pode também limitar a imaginação e reflexão pessoal que a leitura de um texto literário frequentemente proporciona.

É importante também enfatizar que uma adaptação cinematográfica não é simplesmente uma "tradução" do texto literário para a linguagem fílmica. Cada adaptador ou diretor traz suas próprias interpretações e visões para a obra, o que pode ou não ressoar com o público-alvo. Muitas vezes, a visão do diretor pode divergir significativamente das expectativas ou interpretações do público, mesmo que haja algum consenso em aspectos centrais da narrativa.

Portanto, a transposição literária para o cinema é um processo complexo e multifacetado, que envolve diversas considerações, desde a fidelidade à obra original até a forma como essa nova versão irá se comunicar e impactar seu público. Diferentes visões e interpretações são inevitáveis e contribuem para a riqueza e complexidade do processo de adaptação.

“a personagem, como herói e fio condutor do romance moderno, seria o ser em permanente conflito com o mundo exterior, cujas convenções transgride, e, por não se submeter à realidade que a cerca, cria e instaura um conflito e, enquanto personagem, reveste-se de sentido interior.” (SILVA, 2010, p. 35)

A narrativa cinematográfica do filme, neste contexto, pode ser analisada sob várias lentes teóricas: intertextualidade, paratextualidade e arquitextualidade. Ela exibe intertextualidade ao incorporar elementos de diversas versões da história da "Chapeuzinho Vermelho", assim como outras narrativas, como a do lobisomem. Paratextualmente, o filme se situa no contexto da Idade Média, enriquecendo a trama com detalhes históricos e culturais. No que concerne à arquitextualidade, o filme se apropria das características dos gêneros de romance e suspense, apresentando uma trama complexa centrada em temas de amor e mistério (Genette, 1982).

A transposição pode ser classificada na categoria de "contaminação", uma vez que ela não só deriva de múltiplas versões do conto da "Chapeuzinho Vermelho", mas também incorpora elementos de outras obras literárias, como a figura do lobisomem. Silva (2010) destaca "a soberania do simbólico", onde símbolos e signos não são arbitrários, mas carregam um peso de coerência, representatividade e significado.

No entanto, é crucial observar se a transposição foi eficaz em manter a coerência simbólica entre as duas formas de expressão - literária e cinematográfica. Em nosso caso de estudo, essa transposição parece ter sido falha, como discutiremos a seguir. Essa observação coloca em questão a eficácia da transposição em comunicar o significado, a essência e o impacto da obra original, revelando os desafios inerentes a esse tipo de exercício criativo.

PELA ESTRADA A FORA

Em "Pela Estrada Afora", o trecho que envolve a jornada da Chapeuzinho Vermelho pela floresta até a casa da avó é repleto de simbolismo e significados subtextuais, tornando-se um dos aspectos mais fascinantes para uma análise semiótica da obra. O ambiente da floresta serve como um espaço liminar, conforme descrito por Victor Turner

em "O Processo Ritual: Estrutura e Antiestrutura" (1969). Neste espaço, a personagem é exposta ao perigo e à incerteza, mas também à possibilidade de transformação. A floresta se torna um palco onde normas sociais e construções simbólicas são suspensas ou invertidas.

A presença do lobo também adiciona complexidade ao cenário. Ele não é apenas um predador, mas uma manifestação do "outro", do desconhecido e do selvagem. Em termos junguianos, o lobo pode ser visto como uma representação do arquétipo da "sombra", que segundo Carl Jung em "A Natureza da Psique" (1972), encarna aspectos reprimidos e negados do self. O lobo desafia a Chapeuzinho, forçando-a a confrontar suas próprias vulnerabilidades e medos, enquanto simboliza as forças instintuais que são subjugadas pela civilização.

A interação da Chapeuzinho Vermelho com o lobo também pode ser analisada à luz da Teoria do Ator-Rede de Bruno Latour, conforme exposta em "Reagregando o Social" (2005). A personagem não está simplesmente passiva diante de um predador, mas engajada em uma rede de relações sociais e não-sociais — o capuz, o cesto de comidas, a trilha, a floresta, a avó doente, e o lobo. Cada elemento tem seu papel na rede, e a floresta torna-se um terreno onde essas relações são testadas e reconfiguradas.

O ato do lobo de se vestir como a avó introduz o conceito de "mimetismo", discutido por Roger Caillois em "O Homem e o Sagrado" (1950). Aqui, o mimetismo não é apenas um ato de camuflagem, mas também uma subversão da ordem social e das expectativas. Ele engana Chapeuzinho não apenas através do disfarce, mas também assumindo a linguagem e os modos da figura materna, o que pode ser interpretado como uma crítica à fragilidade e à ambiguidade das estruturas sociais e das identidades fixas.

A transição da personagem da inocência à experiência durante este trecho pode ser ainda interpretada através do conceito de "ritual de passagem" de Arnold van Gennep, explorado em "Os Ritos de Passagem" (1909). Chapeuzinho Vermelho passa por etapas de separação, liminaridade e reintegração, emergindo do encontro como um ser transformado.

Ao considerar estes vários elementos, fica claro que a fase "Pela Estrada Afora" do conto de Chapeuzinho Vermelho não é uma mera viagem de um ponto A para um ponto B, mas uma complexa tapeçaria de símbolos e significados que permite múltiplas leituras e interpretações.

DEVORADA PELO LOBO

O momento em que Chapeuzinho Vermelho é devorada pelo lobo é repleto de significações, tornando-se uma rica fonte para análise semiótica. Neste instante, o conto transcende a mera história infantil para se conectar com conceitos profundos da psicologia humana e da sociedade. É um momento de confronto direto com o arquétipo da "sombra", conforme exposto por Carl Gustav Jung em "A Natureza da Psique" (1972), onde a personagem enfrenta o seu oposto obscuro.

O ato de ser devorada também carrega simbolismos ligados ao ciclo da vida e morte, à transformação e à regeneração. Pode ser interpretado como uma analogia ao processo de "incorporação", usado por Anthony Giddens em "A Constituição da Sociedade" (1984), em que um sujeito é socialmente absorvido por um sistema maior, seja ele a natureza, a cultura ou a estrutura social. A devoração, neste caso, torna-se uma forma brutal de assimilação.

Além disso, a cena pode ser contextualizada através do conceito de "tabu", tal como definido por Sigmund Freud em "Totem e Tabu" (1913). O lobo viola várias normas sociais e morais ao assumir a identidade da avó e ao devorar Chapeuzinho Vermelho. Essa transgressão de tabus revela tensões subjacentes sobre autoridade, moralidade e os papéis sociais designados às personagens femininas e à figura do predador.

Pode-se também abordar a devoração sob a ótica de Julia Kristeva em "Poderes da Horror: Uma Abjeção" (1980), onde o lobo torna-se o objeto de "abjeção" — algo que deve ser rejeitado para preservar a ordem social. A abjeção não é apenas uma aversão ou medo, mas uma quebra dos limites culturais e identitários. Chapeuzinho Vermelho, ao ser consumida, é, de certa forma, destituída de sua identidade, o que pode ser uma representação simbólica do apagamento do self em contextos de extrema violência ou dominação.

O ato também leva à discussão sobre os papéis de gênero, frequentemente explorados nos contos de fadas, como observa Jack Zipes em "Por que os contos de fadas continuam fascinantes" (2006). A cena destaca a vulnerabilidade feminina perante uma figura masculina ameaçadora, o que reflete estereótipos e normas de gênero arraigados na sociedade.

Portanto, o episódio em que Chapeuzinho Vermelho é "Devorada pelo Lobo" é um dos pontos mais densos do conto, cheio de camadas simbólicas que ultrapassam a superfície da narrativa, permitindo uma profunda análise semiótica.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Compreendendo a complexidade da narrativa de Chapeuzinho Vermelho e suas

diversas transmutações ao longo do tempo, percebe-se que este conto é um ícone não só da literatura infantil, mas também do imaginário cultural de várias gerações. Diversas adaptações e releituras desta história têm permitido explorar um vasto campo temático que vai além da mera questão do 'bem contra o mal'. A narrativa é uma tela onde são pintadas questões mais profundas relacionadas à sexualidade, aos arquétipos psicológicos, à autonomia e ao empoderamento, especialmente feminino.

Neste estudo, foram abordadas as diferenças cruciais entre as versões do conto, particularmente aquelas trazidas pelos irmãos Grimm, que transformaram a estrutura e o tom da história. O conto de fadas, com sua linguagem e simbolismo, foi além de ser um mero entretenimento, servindo como uma ferramenta pedagógica que encanta e ensina, ilustrando os desafios da vida e como enfrentá-los.

Por outro lado, a análise intersemiótica do conto para outras mídias, como o cinema, revelou que a transição de uma forma de arte para outra não é isenta de perdas e ganhos. A capacidade de explorar outros sentidos humanos em um filme, por exemplo, é compensada pela limitação imposta à imaginação pelo diretor. Isso, por sua vez, leva a novas interpretações e, possivelmente, a mal-entendidos sobre a mensagem ou o propósito original do conto.

Foi observado também que, em suas múltiplas recriações, o conto serve como uma espécie de palimpsesto cultural, onde cada nova versão adiciona ou subtrai elementos que refletem as preocupações e valores da sociedade que a produziu. Isso faz com que a história se mantenha relevante e continue a ser objeto de estudo e reflexão.

Finalmente, é notável que a longevidade da história e sua presença em diversas culturas demonstram seu impacto profundo na psique humana. Como cada geração reinterpreta o conto de Chapeuzinho Vermelho, os elementos fundamentais da história são mantidos, enquanto suas camadas externas são remodeladas para se adaptar aos valores e às necessidades de uma nova era.

Portanto, a narrativa da Chapeuzinho Vermelho não é apenas um conto para crianças, mas um fenômeno cultural rico que merece ser analisado sob diversas lentes. Através desta análise, foi possível não apenas entender melhor a própria obra, mas também obter insights sobre as complexidades da condição humana e as variáveis culturais que influenciam nossa interpretação de histórias e símbolos.

REFERÊNCIAS

BARTHES, Roland. Elementos de semiologia. New York: Hill and Wang, 1967.

BETTELHEIM, B. A psicanálise dos contos de fadas. São Paulo: Editora Paz e Terra, 2000.

CAILLOIS, Roger. O Homem e o Sagrado, trad. Geminiano Cascais Franco, Lisboa: Edições, v. 70, 1950.

CARDOSO, Joel. Cinema e Literatura: contrapontos intersemióticos. Revista Literatura em debate, v. 5, n. 8, p. 1, 2011.

CASHDAN, Sheldon. Os 7 pecados capitais nos contos de fadas: como os contos de fadas influenciam nossas vidas. Rio de Janeiro: Campus, p. 31, 2000.

DE CAMPOS REIS, Simone. " Abracadabra" A palavra dos contos de fada. 2008. Dissertação de Mestrado. Universidade Federal de Pernambuco.

FREUD, Sigmund. Totem e tabu: alguns pontos de concordência entre a vida mental dos selvagens e dos neuróticos. In: Totem e tabu e outros trabalhos. 1969. p. 21-191.

GENETTE, G. Palimpsestos: a literatura no segundo grau. Lisboa: Editora Estampa, 1982.

GIDDENS, A. A Constituição da Sociedade. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes. 1984.

JOLY, Martine. Introdução à análise da imagem. Campinas: Papirus, 1996.

JUNG, Carl G. A natureza da psique. Petrópolis: Editora Vozes, 1972.

KRISTEVA, Julia. Poderes do horror: um ensaio sobre a abjeção. New York: Columbia University Press, 1982.

LATOUR, B. Reagregando o Social: uma introdução à Teoria do Ator-Rede. Ilha Revista de Antropologia, v. 14, n. 1, 2, p. 238-243, 2015.

LIEBERMAN, Marcia K. "Some Day My Prince Will Come": Female Acculturation through the Fairy Tale. College English, v. 34, n. 3, p. 383-395, 1972.

PLAZA, J. T. Tradução intersemiótica. São Paulo: Editora Perspectiva, 2008.

PROPP, Vladimir. Morfologia do conto. Austin: University of Texas Press, 1968.

SILVA, A. A soberania do simbólico: reflexões sobre a interpretação de textos.

Revista Letras & Letras, v. 26, n. 1, p. 37-45, 2010.

TURNER, V. O processo ritual: Estrutura e antiestrutura. Petrópolis: Vozes, 1969.

VAN GENNEP, A. Os ritos de passagem. São Paulo: EDUSP, 1909.

ZIPES, Jack. O conto de fadas irresistível: a história cultural e social de um gênero. Princeton: Princeton University Press, 2012.